




Importância das Oficinas Terapêuticas no Contexto da Atenção Primária a Saúde

Dayane Degner Ribeiro Brasil¹ , Leandro Barbosa de Pinho² , Débora Berger Schmidt³ 

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre-RS, Brasil

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Uninter, Curitiba-PR, Brasil

Resumo: Por ser a porta de entrada dos usuários ao Sistema Único de Saúde, a Atenção Primária abarca situações de agravos ao bem-estar físico, mental e social. Dependendo da gravidade, podem ser acompanhadas e tratadas neste nível assistencial. Dentre as possibilidades intervencionais, destaca-se as oficinas terapêuticas, promovendo a socialização, a expressão de sentimentos, o desenvolvimento da autonomia e o exercício da cidadania dos usuários. O estudo teve como objetivo geral identificar, na literatura científica, a importância das oficinas terapêuticas na Atenção Primária a Saúde. A proposta metodológica é evidenciada por uma revisão bibliográfica da literatura, onde a busca de estudos científicos foi realizada em bases de dados, sendo elas: SciELO e BVS/BIREME (LILACS, Index Psi Periódicos e BDNF), durante o segundo semestre de 2020. O *corpus* de análise da pesquisa totalizou oito estudos científicos. Os resultados da pesquisa bibliográfica foram analisados em torno de duas temáticas, sendo referidas como: Atividades terapêuticas como tecnologia de cuidado em saúde mental e Tipos e modos de cuidar: a ressocialização em foco. Conclui-se que as oficinas terapêuticas afetam positivamente na melhora da qualidade de vida, e conseqüentemente, auxiliam o processo de reabilitação psicossocial e reinserção social do usuário em sofrimento psíquico.

Palavras-chave: saúde mental, atenção primária à saúde, terapêutica

Importance of Therapeutic Workshops in the Context of Primary Health Care

Abstract: Because it is the gateway of users to the Unified Health System, Primary Care encompasses situations of harm to physical, mental and social well-being. Depending on the severity, they can be monitored and treated at this level of assistance. Among the possibilities of follow-up, we highlight the therapeutic workshops in mental health held in Primary Health Care. They aim to enable the socialization of users, the expression of feelings, the development of autonomy and the exercise of citizenship. The study aimed to identify, in the scientific literature, the importance of therapeutic workshops in Primary

¹ Enfermeira. Especialista em Saúde Mental pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e também em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA). *E-mail:* dayanedegner@gmail.com

² Enfermeiro. Doutor em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* lbpinho@ufrgs.br

³ Psicóloga. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Orientadora de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso pela Uninter. *E-mail:* debergers@gmail.com

Health Care. The methodological proposal is evidenced by a literature literature review, where the search for scientific studies was carried out in databases, including: SciELO and BV5/BIREME (LILACS, Index Psi Periódicos and BDNF), during the second half of 2020. The corpus of analysis of the research totaled eight scientific studies. The results of the bibliographic research were analyzed around two themes, being referred to as: Therapeutic activities such as mental health care technology and Types and modes of care: resocialization in focus. It is concluded that therapeutic workshops, in the context of Primary Health Care, positively affect the improvement of quality of life, and consequently, assist the process of psychosocial rehabilitation and social reintegration of users in psychological distress.

Keywords: mental health, primary health care, therapeutics

Introdução

O presente estudo tem como propósito a identificação da importância das oficinas terapêuticas na Atenção Primária à Saúde (APS). O interesse pela temática foi em decorrência de experiências exitosas em saúde mental como Enfermeira em um Centro de Atenção Psicossocial, na modalidade Álcool e Outras Drogas (CAPS AD), onde foram realizadas articulações terapêuticas na APS, com equipes de Estratégia Saúde da Família (ESF) e Unidade Básica de Saúde (UBS). Nessas atividades, atua-se na execução de oficinas terapêuticas, auxiliando na melhora da qualidade de vida do usuário.

É nesse escopo que se evidencia a importância da reforma psiquiátrica e do processo de desinstitucionalização em saúde mental, tanto na APS como na Atenção Especializada, visando a desconstrução de práticas manicomial e a formulação de novos modelos assistenciais e possibilidades terapêuticas, focados no indivíduo e em sua reabilitação e reinserção a sociedade (Amarante & Nunes, 2018; Marinho et al., 2011).

O modelo asilar, anteriormente instituído em hospitais psiquiátricos, vem sendo gradualmente substituído pelo tratamento em Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), visando o acompanhamento e tratamento de usuários com transtornos mentais infantojuvenil (CAPS i), adulto (CAPS II), e uso abusivo de álcool e outras drogas (CAPS AD); e em Unidades de Saúde (US), promovendo um cuidado

integral, sistemático e humanizado ao usuário, tanto em âmbito psíquico como físico (Portaria nº 3.088, Ministério da Saúde, 2013).

Neste estudo, aborda-se a APS e suas possibilidades de cuidado, considerado o nível organizador e coordenador do cuidado, ficando responsável pela integração entre todos os pontos da Rede de Atenção à Saúde (RAS) (Bousquat et al., 2017; Lavras, 2011). Sendo assim, configura-se também como um campo de cuidado em saúde mental, dentro dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), a saber: a integralidade, a interdisciplinaridade, a intersetorialidade e a territorialidade (Lei nº 8.080, 1990; Ministério da Saúde, 2013; Soares & Martins, 2018).

Dentre os seus componentes, citamos as UBSs e as ESFs (Giovanella & Almeida, 2017), as quais promovem de assistência integral a saúde da população, como porta de entrada ao sistema de saúde. Responsáveis pelas ações de promoção a saúde, prevenção e reabilitação de doenças (Facchini, Tomasi & Dilélio, 2018; Giovanella, 2018).

As UBSs são compostas por uma equipe multiprofissional ampliada, contando com Pediatra, Ginecologista, Clínico Geral, Enfermeiro, Nutricionista e Odontólogo; já as ESFs, por uma equipe multiprofissional básica, com Médico, Enfermeiro, Odontólogo, Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) (Peruzzo et al., 2018). Os principais serviços oferecidos são as consultas médicas e de enfermagem, injeções, curativos, vacinas, encaminhamentos para especialidades e fornecimento de medicações básicas a população (Giovanella, 2018; Portela, 2017).

Associadas a estas questões, destacamos as oficinas terapêuticas como possibilidades intervencionais executadas na APS. Caracterizadas pela socialização dos usuários, pela liberdade na expressão de sentimentos e emoções, pelo desenvolvimento de habilidades, da autonomia e ao exercício da cidadania (Azevedo & Miranda, 2011; Farias et al, 2016).

Constituem-se como formas de acolhimento, de convivência, de mediações do diálogo e de acompanhamento do usuário (Azevedo & Miranda, 2011). A transformação dessas vivências em produção de vida se perfaz como algo benéfico, com

vistas a (re)pensar projetos individuais e seu local enquanto sujeito de um contexto social (Lima, 2004).

As oficinas terapêuticas se apresentam com um instrumento de cuidado, que colabora para a reabilitação psicossocial do usuário, facilitando assim a reestruturação de funções, que possam ter sido afetadas pelo transtorno mental e/ou pelo uso de Substâncias Psicoativas (SPA), contemplando três vértices importantes da vida dos indivíduos, a sua moradia, seu trabalho e seus momentos de lazer, sendo estes importantes ao processo de reinserção social (Carnut, 2017; Farias et al., 2016).

A promoção da reabilitação é um resgate a cidadania ao exercer um papel fundamental como elemento terapêutico e promotor de reinserção social através de ações que envolvem trabalho, geração de renda e a autonomia do sujeito no pensar, planejar e agir cotidianamente (Sanchez & Vecchia, 2018).

Considerando a temática estudada e as transformações ocorridas no campo da saúde mental, devido ao processo da reforma psiquiátrica, tem-se como objetivo geral, identificar, na literatura científica, a importância das oficinas terapêuticas na Atenção Primária à Saúde. Sendo formulada a seguinte questão norteadora: qual é a importância das oficinas terapêuticas na reabilitação do usuário em sofrimento psíquico, em atendimento na Atenção Primária a Saúde, apontado pela literatura científica da área?

Visando alcançar o objetivo geral e responder questão norteadora, realizou-se um estudo exploratório por meio de uma pesquisa bibliográfica, nas bases de dados Biblioteca Eletrônica Científica *On-line*, do inglês *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo selecionados os estudos científicos mais relevantes a esta pesquisa.

Método

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica. De acordo com Gil (2008), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de publicações científicas em periódicos, livros, anais de congresso, entre outros. O autor apresenta quatro etapas na elaboração de uma revisão bibliográfica, sendo

as seguintes: fontes, coleta de dados, análise e interpretação dos resultados, e discussão dos resultados.

Face ao vasto volume de informações existentes, foram selecionados estudos científicos publicados em bases de dados, a saber: SciELO e BVS, abrangendo os periódicos científicos, Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Index Psicologia – Periódicos Técnico Científicos (Index Psi Periódicos) e Bases de Dados – Enfermagem (BDENF – Enfermagem).

Nas fontes selecionadas foram utilizados os seguintes cruzamentos contemplados no *Medical Subject Headings* (MESH), em inglês, “*mental health*”, “*primary health care*” e “*therapeutic*”. O levantamento dos estudos foi realizado em maio de 2020, apresentando como critérios de inclusão: bibliografias no campo de saúde mental e da APS; disponíveis na íntegra gratuitamente, em língua inglesa, portuguesa e espanhola; e provenientes das bases de dados SciELO e BVS, dos últimos 20 anos. E os critérios de exclusão foram: estudos que não atendem a temática proposta, não respondendo ao questionamento da pesquisa.

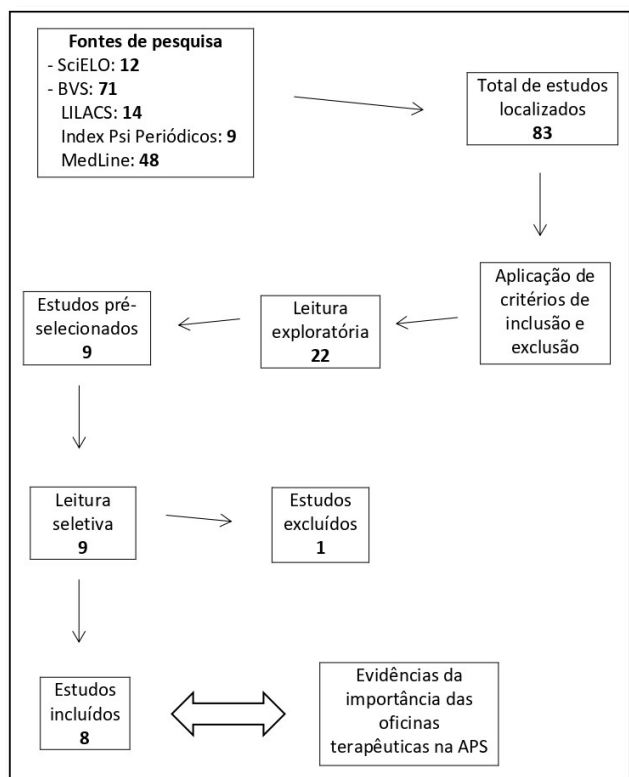
A coleta de dados seguiu a seguinte ordem: leitura exploratória dos estudos selecionados, visando identificar se o material consultado seria pertinente para a pesquisa; leitura seletiva, mais aprofundada, dos títulos interessantes a pesquisa; e registros das informações extraídas das fontes em quadros, contendo autores, periódico, título, temática central e ano.

No Scielo e na BVS, foram localizados, respectivamente, 12 e 71 estudos. Posteriormente, ocorreu a aplicação dos critérios de inclusão, sendo excluídos 61 títulos por não estarem contemplados nos critérios elencados. Deste modo, 22 trabalhos foram selecionados, a fim de serem lidos os resumos, sendo pré-selecionados nove. Assim, realizou-se a leitura na íntegra, selecionando-se oito estudos científicos como parte da amostra.

A seguir, é apresentado o quadro síntese com o fluxograma da coleta de dados e a seleção dos estudos.

Quadro 1

Fluxograma da coleta de dados e seleção dos estudos



A análise e interpretação de dados foi realizada por meio de uma leitura analítica dos estudos previamente selecionados, com a finalidade de ordenar e sumarizar as informações, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas à questão de pesquisa.

Em relação à discussão dos resultados, as categorias que emergiram da etapa anterior foram analisadas e discutidas a partir de estudos científicos relativos à temática, de forma a atingir o objetivo geral, visando identificar, na literatura científica, a importância das oficinas terapêuticas na Atenção Primária à Saúde.

Este estudo leva em consideração os aspectos éticos de segurança e autenticidade das informações, utilizando para citações e referências as normas da *American Psychological Association (APA)*.

Resultados e Discussões

Apresentam-se a partir do contexto dos estudos selecionados, com as possíveis aproximações

e distanciamentos entre as produções, no sentido de responder à questão norteadora. Para tanto, os resultados foram analisados e discutidos em torno de duas temáticas, sendo referidas como: Atividades terapêuticas como tecnologia de cuidado em saúde mental e Tipos e modos de cuidar: a ressocialização em foco.

Atividades terapêuticas como tecnologia de cuidado em saúde mental

Dentre os estudos selecionados nesta revisão, três deles dizem respeito à atividade terapêutica como uma tecnologia de cuidado ao usuário em sofrimento psíquico na APS, conforme o Quadro 2.

Quadro 2

Caracterização dos estudos da categoria “Atividades terapêuticas como tecnologia de cuidado em saúde mental”

Autores	Periódico	Título	Temática Central	Ano
Camatta, Wetzel & Schneider	Online Brazilian Journal of Nursing	Expectativas de usuários sobre ações de saúde mental: um estudo fenomenológico	Expectativas dos usuários em relação as ações de saúde mental em ESFs	2012
Correia, Barros & Colvero	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família	Ações de saúde mental realizadas na atenção básica	2011
Lucena, Luna, Farias & Melo	Anais do VII Fórum Nacional de Mestrados Profissionais em Enfermagem da UFRJ	Grupos terapêuticos comunitários: uma proposta de empoderamento dos usuários na atenção básica	Os grupos terapêuticos comunitários como uma ferramenta de empoderamento	2017

É considerada terapêutica toda e qualquer atividade que possibilite um espaço de expressão e acolhimento em serviços de saúde; deste modo, oficinas e grupos são atividades terapêuticas potentes (Camatta, Wetzel & Schneider, 2012; Correia, Barros & Colvero, 2011; Lucena et al., 2017). Oficinas de artesanato, manuais, e de pintura; grupos de caminhada, de familiares, e de terapia

comunitária são possibilidades intervencionais executadas no âmbito da APS (Correia et al., 2011; Lucena et al., 2017).

Considera-se como grupo, possibilidades de compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo. E as oficinas, atividades manuais que surgiram como ação de saúde mental, contribuindo na efetivação do princípio da humanização no SUS (Santos et al., 2018). Este se refere à corresponsabilização e estreitamento do vínculo entre o serviço de saúde e a comunidade (Carrara, 2015).

Frente a essas possibilidades, vem à tona a importância de considerá-las como tecnologias de cuidado, devido à possibilidade de criação de laços/vínculos e permitir a expressão do seu potencial como sujeito (Campos, Bezerra & Jorge, 2018).

As tecnologias de cuidado são expressões de processos de produção de trocas sociais nos serviços de saúde, além de serem produtoras de saberes e instrumentos capazes de focar nas relações de protagonismo delas, entre os usuários e os profissionais. Podem ser classificadas como leve, leve-dura e dura (Campos et al., 2018; Cecílio, Merhy & Campos, 2006; Merhy, 2006).

As tecnologias leves são as das relações interpessoais, potentes por natureza porque valorizam o encontro, que pode ocorrer entre usuários ou entre usuários e profissionais de saúde. Já as tecnologias leve-duras são as dos saberes estruturados, do conhecimento científico implementado na prática, como a clínica e a epidemiologia. E as duras, são caracterizadas como recursos materiais utilizados para auxiliar do cuidado ao usuário (Merhy et al., 2006).

Nesse sentido, as oficinas e os grupos terapêuticos se constituem como tecnologias leves de cuidado, importantes na atenção ao usuário em sofrimento psíquico. Isso porque possibilitam o respeito, a civilidade e a desconstrução da doença, olhando para o sujeito, sua vida e suas relações interpessoais (Correia et al., 2011).

Constituem-se em espaços para exercício da liberdade, do aprendizado e, até mesmo, oportunidade profissionalizante, oportunizando a criação, a expressão e a elaboração de ideias,

fundamentais para a qualificação do ato cuidador (Correia et al., 2011; Lucena et al., 2017). Eficazes na melhora da autoestima, muitas vezes associada à relação do sujeito consigo e com a sociedade. Fornecem ambientes para escuta, apoio e cuidado; os usuários criam vínculos afetivos, entre si, e com os profissionais, entendendo melhor suas diferenças, limitações, aprendendo a conviver e a superá-las (Camatta et al., 2012; Correia et al., 2011).

Outro fator importante se refere à resolubilidade e à autonomia que as atividades grupais proporcionam na vida do usuário, visando segurança e expressão de vontades e desejos (Arce, Sousa & Lima, 2011). O questionamento acerca de tomadas de decisões, independente do grau que permeiem, pode potencializar ações emancipatórias e de liberdade; o usuário se sentirá mais autônomo, conseguindo solucionar demandas e buscar suprir suas necessidades de saúde (Dutra, Bossato & Oliveira, 2017).

Conforme Tavares (2003), a prática do cuidar faz admitir as pluralidades dos sujeitos com suas diferenças, reafirmando suas opiniões e emoções. Trabalham no sentido de valorizar o sujeito como cidadãos num mesmo nível de sociabilidade, sendo uma das formas mais concretas e efetivas de se ampliar a desinstitucionalização em saúde mental.

No entanto, ainda são muitos os desafios enfrentados pelos serviços no sentido de consolidar, diariamente, essas práticas. Ainda precisam ser adotadas práticas de educação permanente sobre saúde mental e os seus dispositivos de cuidado. Existem muitos locais com atividades pautadas na medicalização e no atendimento individual, visando o tratamento da psicopatologia, sem maiores intervenções reflexivas com o sujeito (Camatta et al., 2012; Correia et al., 2011).

Além disso, serviços que não incentivam estas práticas terapêuticas podem potencializar, no usuário, falta de habilidades frente a situações cotidianas na sociedade, necessárias para a (re)inserção deste no mundo (Camatta et al., 2012). Toda atividade precisa ser acompanhada de um debate, expondo os motivos pelos quais estão sendo realizadas, fazendo-

se entender por todos, sua importância. Precisam ser realizadas com foco nas necessidades do usuário, utilizando-se de uma linguagem de fácil entendimento (Lucena et al., 2017).

As atividades grupais só terão êxito com colaboração, interesse e comprometimento dos envolvidos no processo. Requerem abertura para o desconhecido – novas possibilidades, novos conhecimentos e novos intercâmbios – evidenciando formas de perceber a si e de entender o outro, para que saibam lidar com as diferenças e dificuldades inerentes ao ser humano (Camatta et al., 2012; Correia et al., 2011; Lucena et al., 2017).

Percebe-se o quanto a APS pode trazer efeitos benéficos à comunidade, com o uso de tecnologias leves, exemplificadas pelas oficinas e grupos terapêuticos. Múltiplas são as possibilidades de implementação, podendo contar com o auxílio de dispositivos e dinâmicas terapêuticas. Acredita-se nos benefícios das práticas de educação permanente, promovendo maiores conhecimentos e reflexões acerca do cuidado em saúde mental na APS.

Tipos e modos de cuidar: a ressocialização em foco

Dentre os estudos selecionados nesta revisão, cinco deles dizem respeito aos tipos e modos de estabelecer o cuidado terapêutico ao usuário em sofrimento psíquico, visando à reabilitação e reinserção social, conforme o Quadro 3.

Quadro 3
Caracterização dos estudos da categoria “Tipos e Modos de Cuidar: a Ressocialização em Foco” *continua*

Autores	Periódico	Título	Temática Central	Ano
Brunozi, Souza, Sampaio, Maier, Silva & Sudré	Revista Gaúcha Enfermagem	Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica	Percepção de usuários da atenção básica acerca do grupo terapêutico em saúde mental	2019

Quadro 3
Caracterização dos estudos da categoria “Tipos e Modos de Cuidar: a Ressocialização em Foco” *conclusão*

Autores	Periódico	Título	Temática Central	Ano
Filha, Dias, Andrade, Lima, Ribeiro & Silva	Revista Eletrônica de Enfermagem	A terapia comunitária como estratégia de promoção à saúde mental: o caminho para o empoderamento	A terapia comunitária como uma ferramenta em saúde mental	2009
Menezes, Fortes & Junior	Anais do 12º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade	Intervenções psicossociais para transtornos mentais comuns na Atenção Primária à Saúde	Intervenções psicossociais grupais na APS	2013
Pedrosa, Couto & Luchesse	Revista Psicologia: Teoria e Prática	Intervenção cognitivo-comportamental em grupo para ansiedade: avaliação de resultados na atenção primária	Intervenção grupal em usuários com transtorno de ansiedade	2019
Ramos & Pio	Psicologia, Ciência e Profissão	Construção de um Projeto de Cuidado em Saúde Mental na Atenção Básica	Ações de saúde mental na atenção básica	2010

O cuidado inserido em um serviço de saúde visa à responsabilização pelo atendimento de qualidade ao usuário, oferecendo os recursos adequados, inserindo conhecimentos e habilidades a fim de assegurar um atendimento humanizado e resolução dos problemas de saúde (Ministério da Saúde, 2013).

Nessa perspectiva, o cuidado em saúde mental pode envolver o acompanhamento de questões psíquicas, sociais, emocionais e financeiras.

E também uma demanda de atenção nem sempre prontamente assistida, devido às dificuldades vivenciadas pelos familiares, profissionais e a sociedade, como escassez de recursos, inadequação da assistência profissional, estigmatização, violação de direitos, entre outras (Furegato et al., 2010).

A ressocialização vem ao encontro da temática do cuidado, visando a interação entre indivíduos e sociedades e a minimização de incapacidades físicas ou psíquicas, dando ênfase em como viver harmoniosamente em comunidade, devolvendo o direito de cidadania e independência (Loyola, 2017).

Associadas a essas perspectivas, as oficinas terapêuticas têm por objetivo serem espaços de cuidado, socialização e trocas entre indivíduos; por meio de atividades que promovam expressão de sentimentos, como oficinas artísticas, e o resgate da cidadania, pelas oficinas de alfabetização (Galvanese et al., 2016). Cumprem a finalidade de promover o processo de reabilitação psicossocial ao propiciar espaços de reconstrução de papéis sociais e intercâmbios com os espaços externos ao serviço de saúde, articulando, a (re)socialização em suas atividades (Assad & Pedrão, 2013).

Frente ao processo de desinstitucionalização e fortalecimento do cuidado ao usuário em sociedade, as UBSs, ESFs e USFs se apresentam como serviços essenciais e importantes para ações de reabilitação em saúde mental (Brunozi et al., 2019; Filha et al., 2009; Menezes, Fortes & Junior, 2013; Pedrosa, Couto & Luchesse, 2019; Ramos & Pio, 2010). Isso se dá devido sua inserção no território, a longitudinalidade do cuidado e práticas de cuidado em saúde mental, estando livre do estigma (Aosani & Nunes, 2013).

O grupo de terapia comunitária, desenvolvida em uma USF, com mulheres da região, promove o resgate da resiliência, contribuindo para empoderamento e valorização pessoal, autonomia e autoestima, fortalecendo vínculos familiares, sociais e espirituais (Filha et al., 2009).

O grupo de convivência em saúde mental, realizado em uma ESF, propõe maior autonomia e independência dos usuários, possibilidade de expressão de sentimentos e fortalecimento de relações interpessoais, através de ações de promoção e prevenção em saúde mental (Brunozi et al., 2019).

O espaço terapêutico para usuários egressos de internações psiquiátricas, em uma ESF, teve como premissas a reflexão sobre as ações terapêuticas, dialogando sobre a construção de um projeto coletivo de cuidados ampliados voltado para a prevenção e promoção da saúde mental no território. Evidenciou o fortalecimento dos vínculos e confiança entre usuários e entre profissionais e o usuário, visando reconstrução das relações sociais (Ramos & Pio, 2010).

Uma das possibilidades, em UBSs, é o cuidado integral ao usuário, acompanhado de uma equipe multiprofissional em saúde. Atendem até 80% dos problemas de saúde da população, sem que haja a necessidade de encaminhamento para outros serviços da rede de saúde. Um dos pilares importantes nesse cuidado é a atenção em saúde mental (Aosani & Nunes, 2013).

O grupo terapêutico, pautado na abordagem na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), realizado em uma UBS, com indivíduos com transtorno de ansiedade, viabilizou mudanças efetivas nos sintomas de ansiedade apresentados pelos usuários, revelando-se como uma ferramenta possível para uso no contexto da atenção à saúde mental na AP e um potente meio de fortalecimento das relações interpessoais (Pedrosa et al., 2019).

Os grupos de expressão ampliam a comunicação com o mundo interno e externo, através de atividades ligadas a arte, música, comunicação e expressão corporal; tais vertentes foram se constituindo como uma forma de elaborar a desorganização interna do ser em sofrimento psíquico (Galvanese et al., 2016).

A utilização das terapias grupais possibilita a atuação interdisciplinar condizente com as práticas de cuidado, equânime e resolutiva. Por meio da escuta, da interação e do vínculo, o usuário consegue expor seus sofrimentos, desejos e sonhos, propiciando maior reflexão sobre sua vida, com vistas a planos futuros (Brunozi et al., 2019; Ramos & Pio, 2010).

A partir dos exemplos citados acima, conclui-se que ambos indicam caminhos de possibilidades, renovação e superação, proporcionando maior autonomia, refletida em aspectos da vida, como trabalho e relacionamentos interpessoais, sendo facilitadores da capacidade de comunicação e expressão de emoções (Brunozi et al., 2019; Filha et

al., 2009; Menezes et al., 2013; Pedrosa et al., 2019; Ramos & Pio, 2010). Percebe-se que são eficientes as terapêuticas que desfoquem a medicalização e afirmem a continuidade do cuidado integral aos sujeitos em sofrimento psíquico (Filha et al., 2009; Pedrosa et al., 2019).

As oficinas possibilitam desenvolver as habilidades daqueles que estavam acostumados a serem desacreditados no convívio social, proporcionando novas relações, intervindo em seu processo de exclusão e contribuindo para a qualidade de vida. Contudo, ainda existem situações em que são vistos como atividade lúdica e de entretenimento, não tendo em sua essência nenhum sentido que remetesse a reabilitação (Brunozi et al., 2019; Filha et al., 2009; Menezes et al., 2013).

As atividades terapêuticas, evidenciadas pelas oficinas e grupos terapêuticos na APS, por meio de grupos de terapia comunitária, grupos de convivência em saúde mental e grupos terapêuticos, pautado na TCC, ligadas às artes e expressão corporal, promovem a autonomia, empoderamento e independência dos usuários participantes. Esse processo se dá através da expressão de sentimentos, fortalecimento de relações interpessoais e de vínculos, sejam familiares, sociais e/ou espirituais pelas ações de promoção em saúde mental, no serviço de saúde ou no território.

Considerações Finais

O estudo teve por objetivo identificar, na literatura científica, a importância das oficinas terapêuticas na atenção primária, extraído de investigações das últimas duas décadas. Evidenciaram-se duas dimensões referentes ao papel das atividades terapêuticas na APS: Atividades terapêuticas como tecnologia de cuidado em saúde mental e Tipos e modos de cuidar: a ressocialização em foco.

As oficinas e grupos terapêuticos, enquanto tecnologias de cuidado em saúde mental, estão interligadas devido à possibilidade de criação de vínculos, fortalecimento das relações interpessoais e reinserção social. Constituem-se como tecnologias leves, valorizando, assim, o acolhimento, o cuidado integral, a escuta, a expressão do potencial do sujeito, e, conseqüentemente, a autonomia e a independência em situações diárias, de sua vida.

Associado a essa questão, evidencia-se o cuidar visando a ressocialização do usuário em sofrimento psíquico. Nesse âmbito, os grupos terapêuticos, geradores de cuidado e escuta ao indivíduo, promovem a expressão de sentimentos e vivências, o resgate da cidadania e os direitos sociais, focando em novos projetos de vida. Possibilitam a melhora da qualidade de vida ao fomentarem espaços de reconstrução e de trocas sociais com os espaços externos ao serviço de saúde. A ressocialização vem ao encontro da temática do cuidado, dando ênfase ao direito de cidadania, independência, empoderamento e às escolhas individuais.

Conclui-se que as oficinas terapêuticas, afetam positivamente na melhora da qualidade de vida do usuário, auxiliando em seu processo de reabilitação e reinserção social. A melhor estratégia para se conseguir êxito na assistência ao usuário em sofrimento psíquico na APS é o investimento na qualificação dos profissionais de saúde, através de educação e capacitação permanente nesta área.

Apesar de haver um número crescente de trabalhos com essa temática, ainda são incipientes os que apresentam soluções concretas para esta problemática. Sugere-se que novos estudos abordem a temática no âmbito da APS, em UBS, ESF e serviços articuladores, como o NASF e o CAPS, visando explorar a temática nos pontos da atenção. Acredita-se que seria necessário o aprofundamento de estudos nesse campo, visando uma sensibilização acerca do cuidado ampliado em saúde, em especial a saúde mental, evidenciando, assim, os benefícios que estas atividades podem trazer ao usuário.

O adoecimento psíquico tem se tornado cada vez mais prevalente, em âmbito nacional e mundial, sendo necessário intervenções nos níveis de atenção à saúde, em especial a APS, dado o potencial de cuidado e alcance na comunidade.

Ao fim da presente investigação científica, foram identificadas algumas limitações, dado que a revisão bibliográfica da literatura depende da localização de estudos relevantes que respondam à questão de pesquisa, a utilização de descritores minimizaria a perda de artigos por diferenças na linguagem padrão e na terminologia. Portanto, reconhece-se que não foram abrangidos todos os estudos científicos possíveis a respeito da temática.

Contribuição

Os pesquisadores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

- Amarante, P., & Nunes, M. de O. (2018). A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 2067-2074.
- Aosani, T. R., & Nunes, K. G. (2013). A saúde mental na atenção básica: a percepção dos profissionais de saúde. *Psicologia e Saúde*, 5(2), 71-80.
- Arce, V. A. R., Sousa, M. F., & Lima, M. G. (2011). A práxis da Saúde Mental no âmbito da Estratégia Saúde da Família: contribuições para a construção de um cuidado integrado. *Physis*, 21(2), 541-560.
- Assad, F. B., & Pedrão, L. J. (2013). O teatro espontâneo do cotidiano como um instrumento terapêutico nas ressignificações de ser um portador de transtorno mental. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 22(4), 1089-1097.
- Azevedo, D. M., & Miranda, F. A. N. (2011). Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial. *Escola Anna Nery*, 15(2), 339-345.
- Bousquat, A., Giovanella, L., Campos, E. M. S., Almeida, P. F., Martins, C. L., & Mota, P. H. S. (2017). Atenção primária à saúde e coordenação do cuidado nas regiões de saúde: perspectiva de gestores e usuários. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(4), 1141-1154. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. (1990, 20 setembro). Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm
- Brunozi, N. A., Souza, S. S., Sampaio, C. R., Maier, S. R. O., Silva, L. C. V. G., & Sudré, G. A. (2019). Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica. *Revista Gaúcha Enfermagem*, 40, e20190008.
- Camatta, M. W., Wetzel, C., & Schneider, J. F. (2012). Expectativas de usuários sobre ações de saúde mental: um estudo fenomenológico. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 11(3), 668-682.
- Campos, D. B., Bezerra, I. C., & Jorge, M. S. B. (2018). Tecnologias do cuidado em saúde mental: práticas e processos da Atenção Primária. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(5), 2101-2108.
- Carnut, L. (2017). Cuidado, integralidade e atenção primária: articulação essencial para refletir sobre o setor saúde no Brasil. *Saúde Debate*, 41(115), 1177-1186.
- Carrara, G. L. R., Moreira, G. M. D., Facundes, G. M., Pereira, R., & Baldo, P. L. (2015). Assistência de enfermagem humanizada em saúde mental: uma revisão da literatura. *Fafibe On-Line*, 8(1), 86-107.
- Cecilio, L. C. O., Merhy, E. E., & Campos, G. W. S. (2006). *Inventando a mudança na saúde* (3ª ed.). Hucitec.
- Correia, V. R., Barros, S., & Colvero, L. A. (2011). Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 45(6), 1501-1506.
- Dutra, V. F. D., Bossato, H. R., & Oliveira, R. M. P. (2017). Mediar a autonomia: um cuidado essencial em saúde mental. *Escola de Enfermagem Anna Nery*, 21(3), e20160284.
- Facchini, L. A., Tomasi, E., & Dilélio, A. S. (2018). Qualidade da Atenção Primária à Saúde no Brasil: avanços, desafios e perspectivas. *Saúde e Debate*, 42(1), 208-222.
- Farias, I. D., Thofehrn, M. B., Andrade, A. P. M., Carvalho, L. A., Fernandes, H. N., & Porto, A. R. (2016). Oficina terapêutica como expressão da subjetividade. *Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 12(3), 147-153.
- Filha, M. O. F., Dias, M. D., Andrade, F. B., Lima, E. A. R., Ribeiro, F. F., & Silva, M. S. S. (2009). A terapia comunitária como estratégia de promoção à saúde mental: o caminho para o empoderamento. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 11(4), 964-70.
- Furegato, A. R. F., Galera, S. A. F., Pillon, S. C., Santos, J. L. F., Pitia, A. C. A., & Cardoso, L. (2010). Characterizing mental health care service teams. *Salud Pública*, 12(5), 732-743.

- Galvanese, A. T. C., Pereira, L. M. F., D'Oliveira, A. F. P. L., Nascimento, A. P., Lima, E. M. F. A., & Nascimento A. F. (2016). Arte, saúde mental e atenção pública: traços de uma cultura de cuidado na história da cidade de São Paulo. *História, ciência e saúde - Manguinhos*, 23(2), 431-452.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ª ed). Atlas.
- Giovanella, L., & Almeida, P. F. (2017). Atenção primária integral e sistemas segmentados de saúde na América do Sul. *Caderno de Saúde Pública*, 33(2), e00118816.
- Giovanella, L. (2018). Atenção básica ou atenção primária à saúde? *Caderno de Saúde Pública*, 34(8), e00029818.
- Lavras, C. (2011). Atenção Primária à Saúde e a Organização de Redes Regionais de Atenção à Saúde no Brasil. *Saúde e Sociedade*, 20(4), 867-874.
- Lima, E.A. (2004). Oficinas e outros dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: C. M., Costa, & Figueiredo, A. C. *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Contra Capa.
- Loyola, C. M. D. (2017). Saúde mental e enfermagem psiquiátrica: contribuições para a ressocialização da pessoa em sofrimento psíquico. *Escola Anna Nery*, 21(3), e20170301.
- Lucena, P. L., Luna, M. A., Farias, A. E., & Melo, V. F. C. (2017). Grupos terapêuticos comunitários: uma proposta de empoderamento dos usuários na atenção básica. *Anais do Sétimo Fórum Nacional de Mestrados Profissionais em Enfermagem*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- Marinho, A. M., Martins, Á. K. L., Lima, H. P., Souza, Â. M. A., & Braga, V. A. B. (2011). Reflexões acerca da reforma psiquiátrica e a (re)construção de políticas públicas. *Revista Mineira de Enfermagem*, 15(1), 141-147.
- Merhy, E. E. (1994). Em busca da qualidade dos serviços de saúde: os serviços de porta de entrada para saúde e o modelo tecno-assistencial em defesa da vida. In: L. C. O. Cecilio. *Inventando a mudança na saúde*. *Saúde em Debate*, 76(3), 117-160.
- Menezes, A. L. A., Fortes, S., & Bezerra, B. C. J. (2013). Intervenções psicossociais para transtornos mentais comuns na Atenção Primária à Saúde. *Anais do Décimo Segundo congresso brasileiro de medicina de família e comunidade*. Belém.
- Ministério da Saúde. (2013). *Cadernos de Atenção Básica, Saúde Mental*. n. 34. Secretaria de Atenção à Saúde.
- Pedrosa, K. M., Couto, G., & Luchesse, R. (2017). Intervenção cognitivo-comportamental em grupo para ansiedade: avaliação de resultados na atenção primária. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(3), 43-56.
- Peruzzo, H. E., Bega, A. G., Lopes, A. P. A. T., Fernandez, M. C., Haddad, L., Peres, A. M., & Marcon, S. S. (2018). Os desafios de se trabalhar em equipe na estratégia saúde da família. *Escola Anna Nery*, 22(4), e20170372.
- Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. (2011, 26 dezembro). Institui a Rede de Atenção Psicossocial. Presidência da República. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.htm
- Portela, G. Z. (2017). Atenção Primária à Saúde: um ensaio sobre conceitos aplicados aos estudos nacionais. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 27(2), 255-276.
- Ramos, P. F., & Pio, D. A. M. (2010). Construção de um Projeto de Cuidado em Saúde Mental na Atenção Básica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(1), 212-223.
- Sanches, L. R., & Vecchia, M. D. (2018). Reabilitação psicossocial e reinserção social de usuários de drogas: revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 30, e178335.
- Santos, A. B., Silva, G. G., Pereira, M. E. R., & Brito, R. S. (2018). Saúde Mental, Humanização e Direitos Humanos. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 10(25), 01-19.
- Soares, D. A. M., & Martins, A. M. (2018). Intersetorialidade e Interdisciplinaridade na Atenção Primária: Conceito e sua Aplicabilidade no Cuidado em Saúde Mental. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 41(2), 508-523.
- Tavares, C. M. M. (2003). O papel da arte nos centros de atenção psicossocial – CAPS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(1), 35-9.